

2º EDIÇÃO DO JORNAL: A VOZ DO CESC

Isa Mara Vilela de Moraes UFG/ Regional Jataí / isamaramoraes22@hotmail.com
Heloíza Mendes de Souza UFG/ Regional Jataí / heloizamdesouza@gmail.com
Maria Mayara Mendes Correia UFG/ Regional Jataí / mayaramcorreia@gmail.com
Mariza Almeida Rosa Colégio Estadual Serafim de Carvalho / marizarosa@hotmail.com
Vânia Carmem Lima UFG/ Regional Jataí / vaniacarmem@yahoo.com.br

RESUMO Este artigo se propõe a apresentar o trabalho do projeto PIBID do curso de Letras Português da UFG-Regional Jataí na escola parceira, Colégio Estadual Serafim de Carvalho, e este corresponde à segunda edição do jornal, *A voz do CESC*. O objetivo deste foi desenvolver atividades para o aprimoramento da leitura e escrita, através dos gêneros discursivos, no suporte do jornal. Trabalhamos com uma metodologia interativa por meio de oficinas com leitura de jornal e produção textual, envolvendo o processo de reescrita. O ponto de partida foi promover uma ação em que o aluno pudesse “assumir-se como locutor”. Primeiramente, foi realizada a oficina com a estrutura e características do jornal. E, conseqüentemente, foram apresentados aos alunos os gêneros que compõem o jornal e proposto a eles a produção textual com os seguintes gêneros e respectivas turmas: reportagem e entrevista ao diretor para os alunos do ensino médio, tirinhas e classificados para os do ensino fundamental. Outros fizeram ainda poemas, caricaturas, receitas, crônicas, resenhas, cruzadinhas, jogo dos sete erros, piadas e entretenimento. Produzidos os textos, as bolsistas, junto a coordenadora e supervisora, fizeram a leitura e revisão deles, selecionando alguns dos diferentes gêneros para comporem o jornal; os textos retornaram aos alunos para o trabalho de reescrita. No momento em que entregamos o jornal aos alunos, houve grande entusiasmo por parte deles ao folhear e ler o material produzido por eles. Além de se constituir numa dinâmica diferente das aulas tradicionais, a construção do jornal proporcionou aos alunos maior segurança e interesse pela produção textual.

Palavras-chave: Leitura; produção textual; jornal; reescrita.

2nd EDITION OF THE NEWSPAPER: A VOZ DO CESC

ABSTRACT This article aims to present the work of PIBID project from Portuguese course of UFG – Campi Jataí along with the partner school, *Colégio Estadual Serafim de Carvalho*, and it corresponds to the second edition of the newspaper, *A voz do CESC*. The objective was to develop activities to improve reading and writing skills through genres, on the journal. We work with an interactive methodology through journal reading and textual production workshops, involving the process of rewriting. The starting point was to promote an action in which the student could "assume himself/herself as an announcer". Firstly, it was delivered a workshop dealing with structures and characteristics of a journal. And, accordingly, it was presented to the students genres

that make up the journal and proposed to them a text production with the following genres and groups: Reporting and interviewing the principal by high school students, strips and classified to the elementary school. Others have made poems, cartoons, recipes, chronicles, reviews, crosswords, seven errors game, jokes and entertainment. The scholarship students produced the texts and, along with the coordinator and supervisor, read and revised them by selecting some of the different genres to compose the newspaper; the texts were returned to the students in order to be rewritten. At the moment we delivered the journal to the students, there was great enthusiasm on their part to flip through and read the material produced by them. Besides being a different dynamic from the traditional classes, the newspaper's building offered students greater security and interest in textual production.

Keywords: Reading; text production; newspaper/journal; rewriting.

Introdução: planejamento e elaboração do projeto

O planejamento e elaboração da segunda edição do jornal CESC tiveram como principal foco aprimorar a leitura e produção textual do aluno, elevando-lhe o grau de letramento e contribuir para a formação das bolsistas. O ponto de partida foi promover uma ação em que o aluno pudesse “assumir-se como locutor”, conforme Bunzen (2006, p. 149). Mas, para isso, fez-se necessário que o aluno tivesse o que dizer; razões para dizer; ter para quem dizer; assumir-se como sujeito daquilo que diz; escolher estratégias de dizer, em consonância com o mesmo autor. Nesse mesmo sentido, Geraldi (1984, p. 47) também fala da importância de um ensino de língua que seja significativo para o aluno em que o falar sobre a língua ceda lugar ao seu uso efetivo. O autor argumenta que saber a língua consiste em dominar as habilidades de uso da língua em situações concretas de interação. Essa ideia subsidia nosso trabalho desde sua idealização até a sua concretude. Pretendíamos que os alunos aprendessem a língua de forma significativa e usassem-na para interagir de fato, produzindo textos não meramente escolares. E, conseqüentemente, foram apresentados aos alunos os gêneros que compõem o jornal, “e proposto a eles” a produção textual com os seguintes gêneros e respectivas turmas: reportagem e entrevista ao diretor para os alunos do ensino médio, tirinhas e classificados para os do ensino fundamental. Outros fizeram ainda poemas, caricaturas, receitas, crônicas, resenhas, cruzadinhas, jogos dos sete erros, piadas e entretenimento.

A escolha de produzir um jornal em que os alunos fossem os autores dos textos nele veiculados configurou-se como um trabalho em que os diferentes gêneros puderam transitar no espaço da sala de aula, constituindo-se numa dinâmica diferente da rotina de sala de aula. O jornal é um tipo de leitura vinculada ao cotidiano, de caráter informativo, mas que não apresenta, contudo, neutralidade, visto que a palavra constitui o signo ideológico por excelência, conforme Bakhtin (1979). Desse modo, a leitura desse suporte promove a associação dela com o meio social, desenvolvendo a capacidade crítica do aluno leitor. Conforme Kleiman (1995), não basta, por exemplo, incentivar somente o gosto pela leitura, é essencial que se desenvolva nos alunos a capacidade de bem interpretar o que leem, ao que chamaremos de amadurecimento da leitura e da escrita.

É notório que o grande desafio da escola é elevar o grau de letramento dos alunos.

Nesse sentido, os professores devem proporcionar aos alunos atividades que os levem a refletir sobre a língua em seu funcionamento. E isso ocorre por meio de textos, no que inclui o trabalho com a leitura e escrita. Assim, todas as atividades que capacitam o aluno à leitura proficiente e à efetiva produção textual estão nesse paradigma de busca pela elevação do letramento. Os PCNs (1998) ressaltam assim o trabalho com a linguagem:

“Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias das condições em que esse discurso é realizado”. (PCN p. 17).

O indivíduo ao usar a língua não apenas exterioriza um pensamento para transmitir informações a um determinado interlocutor, mas, sobretudo, realiza ações, agindo e atuando sobre o mesmo, conforme o lugar social que ocupa, como afirma Travaglia (1997):

"A linguagem é, pois, um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. Os usuários da língua ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais". (TRAVAGLIA, 1997, p. 23).

Desse modo, o trabalho com o jornal faz com que se estabeleça essa interação na sala, devido ao fato de ser um trabalho cuja finalidade extrapola o olhar corretivo do professor, pois outros olhares buscarão sentidos ao dito, na busca pelas informações, pelo novo, materializado nas páginas do jornal. Segundo Bakhtin (2003), a língua é vista como atividade social, histórica e comunicativa. Assim, o trabalho com ela não deve prescindir desse seu caráter dialógico. E dialogar por meio da língua significa considerar o "outro" nas atividades de uso da linguagem. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado e discutido contempla essa dimensão, em que o outro é tomado como constitutivo do processo. É o leitor que dá existência ao texto, na medida em que busca, na mediação autor/texto/leitor, dar-lhe sentido. E terá sido esse um dos objetivos para a construção e publicação do jornal - A voz do CESC -, e que essa voz não possa jamais ser silenciada, sob pena de silenciar a Escola Básica, espaço público que, a despeito das ameaças de corte, ainda procura resistir.

De acordo com Geraldi (1984) é primordial à prática pedagógica o quê, “por

que” e o “para que” de tal atividade, qual a finalidade e o motivo de tal ensino. Nesse sentido, o jornal parece ter cumprido essa função, uma vez que tais instâncias foram contempladas tanto nas atividades prévias – apresentação/ manuseio/ trabalho com o jornal – como na sua elaboração e reelaboração, momento em que os alunos assumiram seu lugar enquanto sujeitos produtores de linguagem, pois, conforme Bakhtin (2003), não há possibilidades de se compreender o homem a não ser através dos textos signícos, criados ou ainda por se criar. Por trás de todo texto há um sujeito, um autor que fala e escreve, porque ali está o contato entre indivíduos e não entre coisas.

O tema da produção textual para o jornal foi: *Água potável: Nos limites do imprescindível*. A escolha por esse tema, feita coletivamente, deu-se em função da atual demanda por água e sua correlata escassez, nos dias atuais, como forma de levar os alunos a refletirem sobre o problema em âmbito local e mundial, conscientizando-se de que vivemos num processo de relação, em rede, daí que não podemos pensar no “meu” problema, mas no “nosso” problema.

1 - Execução do projeto

O nosso trabalho constituiu-se de cinco etapas, sendo a primeira a parte do planejamento das atividades, na companhia de uma supervisora e coordenadora do projeto PIBID; a segunda foi a execução da oficina; a terceira foi o momento da produção textual dos alunos; a quarta consistiu na leitura e revisão das produções dos alunos, em que primeiro as bolsistas fizeram a revisão e, em seguida, a professora supervisora e a coordenadora de área avaliaram a nossa correção; a quinta etapa foi o momento em que voltamos para a sala de aula para proceder à reescrita.

Na oficina trabalhamos os gêneros que compõem o jornal, e nesta levamos jornais para os alunos manusearem e, com isso, notamos que eles não tinham contato com os jornais impressos; alguns não tinham familiaridade com os gêneros, tendo dificuldade em falar sobre o artigo de opinião e carta ao leitor. Apesar de o jornal impresso ser um veículo de fácil acesso, alguns alunos não têm a prática de leitura, devido a outros meios de comunicação, como por exemplo, a internet, cuja acessibilidade é hoje ainda mais facilitada.

Nesta segunda edição ampliamos o jornal, tendo agora o gênero entrevista feita ao diretor da escola pelos alunos, para a qual a equipe pibidiana orientou na elaboração de perguntas, mas, vale ressaltar que, no decorrer da entrevista, outras perguntas foram surgindo em decorrência das respostas, indo além do que havia sido

elaborado. Eram indagações sobre as quais não se havia pensado antes e que fluíram naquelas condições de produção, uma vez que nesse gênero o planejamento se dá concomitante à sua realização.

A participação dos alunos na elaboração do jornal foi bastante produtiva, pois eles se preocupavam em fazer bons textos, pois estes iriam ser publicados. Depois do trabalho em sala de aula passamos a ler e rever as produções, algumas das quais iriam compor o jornal. Em seguida, entregamos todos os textos para os alunos e lhes solicitamos a reescrita, considerada como uma atividade recursiva, tratada como uma das etapas da reescritura, como uma atividade reflexiva e expressiva, Boiarsky (1982). Esta deveria se dar, portanto, conforme as orientações deixadas nos textos.

Tais orientações se constituíam em marcas dialógicas, em que o docente aponta caminhos para o aluno dizer o que pretendeu dizer (GERALDI,1997), pois é no texto que podemos estudar o humano, pois o ser humano sendo um ser de linguagem exprime-se a si mesmo e as suas ações, nesse processo, "ele cria textos". (BAKHTIN, 2003, P. 312).

Durante o processo de reescrita, conversamos com cada um esclarecendo alguns pontos, ainda não compreendidos pelos alunos, e que apontavam para melhorias em seu texto. A esse propósito Geraldi, (1998, p. 122) afirma que o processo de reescrita é uma vivência ativa com a linguagem, "O texto construído a partir do processo escrita/ leitura/ reescrita, é o resultado de uma vivência ativa com a linguagem, posta, agora, em seu leito de fenômeno das relações humanas". E complementa ainda: "Estão sendo denominadas de "operações de refacção de textos" aquelas que resultam de atividades epilinguísticas que incidem sobre os recursos expressivos, enquanto sistematização aberta e por isso mesmo revelam muito mais da relativa *autonomia da língua* e seriam exemplos concretos de "ações da linguagem" presentes nas ações que se fazem com a língua e sobre a língua" (Geraldi, 1991, p.140).

Depois de editado o jornal, fizemos o mural da escola para expor o trabalho dos alunos à comunidade escolar, socializando, assim, a produção de si e de seus pares, como forma de valorizar o trabalho do grupo e incentivar a atividade de leitura à escola como um todo, ratificando a sua função de agenciadora, em potencial, de letramento e de ensino. Nesse sentido, Benevides (2008, p. 89) afirma que:

“Entendemos, desse modo, a prática da leitura como uma relação dialógica. O sujeito que lê estabelece uma relação de sentido entre os enunciados existentes nos textos escritos os quais, conforme Bakhtin, têm como referência o “Todo da interação verbal”. Além disso, para esse autor, “ver e

compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito” (BAKHTIN, 2003, p. 316). Assim sendo, nessa concepção, as relações que se estabelecem na prática da leitura devem visar à compreensão. Ou, no dizer bakhtiniano, à compreensão responsiva ativa pelo fato de essa “compreensão responsiva do conjunto” ser “sempre de índole dialógica” (BAKHTIN, 2003, p.232).

2- Considerações finais

É papel da instituição de ensino desenvolver a capacidade intelectual do aluno, promovendo a sua efetiva inclusão numa sociedade letrada. Nesse sentido, é necessário que a escola se veja não como um pólo da sociedade, mas como parte constitutiva dela. E para tanto, a escola precisa trazer para o seu interior os discursos empreendidos no âmbito da sociedade, pois assim, nos é possível apreender, de forma ativa, as tendências sociais características do discurso de outrem que se manifestam na língua (BAKHTIN, 1979). Assim, a nossa intervenção pedagógica se orientou pela perspectiva de trabalho com a língua viva, aquela que circula no âmbito social, ou seja, os enunciados concretos produzidos no mundo da vida, lugares sociais nos quais se produzem discursos, materializando, assim, as representações sobre o humano no discurso (BAKHTIN, 1979). Desse modo, a construção e o uso do jornal possibilitou esse diálogo comunidade escolar/comunidade social na medida em que “A voz do CESC” ultrapassou os muros da escola, ouvindo e se fazendo ouvir o mundo do trabalho, onde os homens se constituem humanos.

A produção desta oficina foi uma experiência singular, pois nos mostrou que é possível um trabalho construído a muitas mãos, visto por outros tantos olhares, no âmbito escolar. Esse foi um trabalho que mobilizou toda a escola, pois todo o corpo escolar contribuiu com sua parcela, cedendo aula, apreciando e preservando o mural, concedendo entrevista, e, talvez o mais significativo, sociabilizando os saberes construídos. Como diz o poeta, *tudo vale a pena se alma não é pequena*. E são talvez nas pequeninas coisas que se vê a grandiosidade da força humana.

Em consequência dessas atividades, verificamos um maior interesse pela leitura e produção escrita por parte dos alunos e a correlata elevação do seu grau de letramento, conforme depoimento de alguns professores. Outro ponto a ser destacado é o entusiasmo com que viram o jornal sendo publicado, com textos de sua autoria, o que coaduna com o pensamento bakhtiniano sobre linguagem e alteridade, qual seja o fato de que o sujeito apenas se constitui como tal na relação com a alteridade, premissa esta ratificada por Ponzio (1997), para quem é impossível se pensar o ser humano fora da

sua relação com o outro. E foi, justamente ancorados nessa relação, que edificamos o nosso jornal, procurando com ele a edificação também de sujeitos e vidas.

Por fim sem, contudo, a pretensão de conclusão, verificamos que esse trabalho, de fato, contribuiu substancialmente para a nossa formação enquanto profissionais aprendizes da área da linguagem, pois é no lidar com a prática de sala de aula, é no chão da escola, que se fomentam grandes ideias e se podem concretizar belos ideais; é lá também que se tem a oportunidade de valorizar a capacidade de nossos alunos, especialmente, da escola pública. Com certeza, para esses alunos da escola parceira, foi gratificante e de grande aprendizado a participação na referida oficina, pois puderam se sentir sujeitos do processo de ensinar/ aprender e refletir sobre o seu próprio ambiente escolar com criticidade, numa visão mais globalizada do contexto que os cerca. Segundo Bakhtin (2003), a língua é vista como atividade social, histórica e comunicativa. Assim, o trabalho com ela não deve prescindir desse seu caráter dialógico. E dialogar por meio da língua significa considerar o "outro" nas atividades de uso da linguagem. Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado e discutido contempla essa dimensão, em que o outro é tomado como constitutivo do processo. É o leitor que dá existência ao texto, na medida em que busca, na mediação autor/texto/leitor, dar-lhe sentido. E terá sido esse um dos objetivos para a construção e publicação do jornal - A voz do CESC -, e que essa voz não possa jamais ser silenciada, sob pena de silenciar a Escola Básica, espaço público que, a despeito das ameaças de corte, ainda procura resistir.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1979.

_____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003

BENEVIDES, A. S. A leitura como um percurso da formação do docente. In: OLIVEIRA, M. B. F. de. (Org.) **Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas**. Natal, RN: EDUFRN, 2008.

BOIARSKY, APUD OLIVEIRA, R. R. F. de. Revisão de textos: o ponto de vista dos manuais. In Oliveira, Alves & Silva (Orgs.) **Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas**. Natal, RN - Editora da UFRN, 2008.

BUNZEN, Clecio. **Da era da Composição à era dos gêneros: O ensino de produção de textos no ensino médio**. In: Bunzen & Mendonça (Orgs.) **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. -Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, J.W. **Aprender e ensinar com textos de alunos**,/ coordenadora geral Ligia Chappine, - 2º ed.- São Paulo: Cortez, 1998.

____. **O texto na sala de aula**. 2ª Ed., Cascavel: ASSOESTE,1984.

____. **Portos de passagem**. São Paulo, Martins fontes,1997.

KLEIMAN, A. (org). **Os significados do letramento: uma perspectiva Sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

PONZIO, A. **La rivoluzione bachtiniana: il pensiero di Bakhtine l'ideologia contemporânea**. Bari: Levanti, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. Cortez editora. São Paulo, 1997.